

DOMINGUES, Andréa Silva. *Cultura e Memória: a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis/MG*. 1ª edição. Pouso Alegre: Editora da Universidade do Vale do Sapucaí, 2017. 175p.

UM MOSAICO DE CULTURAS E MEMÓRIAS: FESTAS NEGRAS NO SUL DE MINAS GERAIS

Jonatas Roque RIBEIRO*

“*Cultura e Memória*” é o título da recente publicação da historiadora Andréa Silva Domingues, professora da Universidade do Vale do Sapucaí, em Pouso Alegre, Minas Gerais. O livro foi, originalmente, tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2007. A proposta central do livro foi reconstruir a história da Festa de Nossa Senhora do Rosário, manifestação cultural surgida, provavelmente, em fins do século XVIII, na cidade de Silvianópolis, localizada no sul do estado de Minas Gerais.

O objetivo central da obra foi, a partir das experiências e memórias dos sujeitos produtores e participantes da festa, reconstituir a sua trajetória, reconhecendo-a como uma prática cultural importante para a comunidade da região, especificamente para sujeitos e grupos da população negra. Andréa Domingues também problematizou outras questões, como o processo de apropriação e ressignificação cultural da festa. Ela analisou os sentidos e significados da manifestação para os seus participantes, assim como o lugar social da festa no espaço da cidade. A celebração, portanto, pode ser entendida como um importante meio de construção de identidades socioculturais, mas também como símbolo distintivo da memória de alguns sujeitos e grupos em relação aos demais.

A autora realizou sua investigação de forma interdisciplinar, estabelecendo confluências e transposições entre várias áreas das ciências humanas, principalmente, história, sociologia, antropologia cultural e estudos culturais, mas faltou o diálogo com a história das religiões e das religiosidades, o que poderia ter trazido contribuições valiosas para a obra. O recorte temporal adotado abarcou o período entre a década de 1970 e o ano de 2007, quando a pesquisa foi encerrada. Tratou-se de uma história do tempo presente, onde as próprias trajetórias dos sujeitos investigados serviram de balizas temáticas para a construção do livro.

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista FAPESP. E-mail: jonatasroque4@gmail.com

A fonte mais explorada pela autora foi os relatos orais e a história de vida dos sujeitos participantes da festa.¹ A história oral foi utilizada não somente como metodologia, mas também como um campo de pesquisa fundamental para o estudo de práticas e manifestações culturais. Aliás, “*Cultura e Memória*” ratifica a importância de Andréa Domingues como pesquisadora da história oral. Em 2011, pela Paco Editorial, a historiadora publicou outro livro sobre a temática: “*A arte de falar: redescobrimos trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador, Anastácio/MS*”. Nesse trabalho inovador, fruto de sua dissertação de mestrado, a autora analisou as trajetórias e experiências de vida de homens e mulheres e as relações deles com outras dimensões sociais, como natureza e trabalho, no espaço da Colônia do Pulador, cidade de Anastácio, no Mato Grosso do Sul, nas últimas décadas do século XX (Domingues, 2011).

Ambas as publicações fazem parte da promissora área da história oral e das memórias produzida no Brasil. Tal historiografia, absolutamente identificada com o Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, reconhece a importância da história oral e da memória como campos temáticos e, ao mesmo tempo, metodologias de pesquisa fundamentais para o estudo da agência e protagonismo dos “subalternos”. As obras de Andréa Domingues lançam novas luzes sobre um campo em expansão, relativamente ainda pouco desenvolvido na historiografia brasileira, a história da memória, em especial as memórias de sujeitos e grupos historicamente excluídos, como os migrantes nordestinos e a população negra.

O livro está dividido em três capítulos. No primeiro, denominado “Com o passar dos anos, fui pegando o gosto de querer um dia fazer a festa”, a autora fez na primeira parte um resgate histórico da cidade de Silvianópolis no período em tela. Num segundo momento, a análise recaiu sobre quem foram os festeiros e os sentidos e significados de fazer e participar da festa. Vale destacar que, apesar do nome do festejo fazer referência apenas a Nossa Senhora do Rosário, ele também é dedicado a São Benedito, outro santo venerado pela população negra católica. Do ponto de vista teórico, a autora adotou, fundamentalmente, o instrumental conceitual da cultura popular. Apesar de reconhecer que tal campo temático ainda é dominado pelos folcloristas, a historiadora investiu muito pouco num debate historiográfico consistente sobre cultura popular, suas derivações, conceitos e potencialidades. Ainda assim, ao longo do texto, percebe-se que a investigação privilegiou estudar as interações entre cultura popular e a de elite, em vez de tentar definir o que supostamente as separavam. Através dos relatos orais dos participantes da festa, a autora percebeu a emersão – nem sempre harmoniosa – das relações entre tradição e memória. Um dos méritos da obra foi identificar a festa como um campo potencialmente fértil para a luta simbólica e social contra o poder hegemônico, como por

exemplo, as disputas entre os festeiros e os membros da Igreja Católica contrários à realização da festa.

No segundo capítulo, “A festa da Igreja para os padres e a Festa da Nossa Senhora do Rosário para as pessoas do cativo”, a análise se centrou na história da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, entidade beneficente, responsável pela realização da festa. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Santana do Sapucahy (antigo nome de Silvianópolis) surgiu, possivelmente, na década de 1780, sob a liderança da população negra e o controle da Igreja. Nas primeiras décadas do século XX, o movimento ultramontano e o recrudescimento das relações entre Igreja e associações leigas levaram à extinção da Irmandade e a demolição da capela do Rosário. Em meio às fraturas e disputas entre o religioso e o laico, a entidade civil venceu. Em 1937 os ex-irmãos do Rosário criaram a Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário. Segundo a autora, a instituição construiu uma identidade social positiva para os seus membros em meio às agruras enfrentadas pelos negros em uma sociedade marcada por hierarquias sociais e relações de poder rígidas. Apesar da obra não ter perdido de vista os conflitos internos do grupo, sobressaiu a ideia da associação como um organismo de construção de certa solidariedade racial, o que impossibilitou uma investigação mais séria sobre as estruturas internas e as clivagens do grupo. Outro mérito da obra foi demonstrar que, ao terem sido espaços de formulação e reformulação de identidades, a irmandade (e posteriormente associação) e a festa do Rosário foram elementos de afirmação de uma relativa autonomia daqueles segmentos no interior da sociedade local, marcada por relações sociais e de poder mais verticais do que horizontais.

No terceiro e último capítulo, “13 de junho é igual a 13 de maio, libertação dos escravos de São Benedito”, a historiadora analisou, basicamente, a congada – ou dança do congo – como marca e marco da festa. Pouco esforço foi feito no sentido de reconstruir a trajetória da congada dentro da festa. Aliás, as manifestações culturais da população negra não ganharam muito destaque. Em vários momentos, a autora enfatizou a presença de pessoas brancas no festejo, o que pode explicar o abrandamento das relações sociorraciais adotado na narrativa. Poucas vezes a cor dos sujeitos foi analisada, invalidando a possibilidade de interpretações sobre racismo ou construção de identidades raciais e identidades de classe. Ampliar o recorte temporal ou analisar outras fontes – como a imprensa – poderia ter possibilitado a autora alargar seus objetivos e diversificar sua abordagem, trazendo para o debate dimensões importantes sobre as trajetórias e experiências dos sujeitos participantes da festa.

Apesar disso, é importante ressaltar que esse livro é uma contribuição relevante para os estudos da história do negro e das relações raciais em Minas Gerais, particularmente, no Sul do

estado. Ele evidencia como sujeitos e grupos, em sua maioria, da população negra de Silvanópolis, principalmente ao longo do século XX, não abandonaram suas identidades sociorraciais e encaparam um projeto de reconhecimento social através da sua associação e festa do Rosário.

Referência

DOMINGUES, Andréa Silva. *A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS*. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

¹ Além da história oral, a autora também analisou fotografias, cartazes e documentos cartoriais (atas, estatutos e o livro de registro e inventários da Paróquia de Silvanópolis).

Resenha recebida em 13 de junho de 2018 e aceita em 21 de outubro de 2018.